

CONTRIBUIÇÕES DE UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DA ANIMALIDADE PARA A ÉTICA ANIMAL

Guilherme Herrmann Arias (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Evely Vânia Libanori (Orientador), e-mail: guilherme_herrmann@outlook.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letra e Artes/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#)
Filosofia, Ética.

Palavras-chave: ética animal, fenomenologia, ontologia animal.

Resumo:

Nesta pesquisa, procurou-se investigar as possíveis contribuições que uma abordagem fenomenológica sobre a vida animal poderia ter para o campo da ética animal crítica. O método utilizado foi o bibliográfico, ou seja, o material principal foram os textos, artigos, teses, dissertações etc. Os principais autores consultados foram Martin Heidegger (1889-1976), Étienne Bimbenet (1967-) e Florence Burgat (1962-). Constatou-se que atualmente na fenomenologia procura-se conceder aos animais uma definição positiva, por oposição a defini-los de forma privativa, ou seja, pela falta de uma característica humana como a linguagem ou a inteligência. Ademais, pode-se afirmar que um conceito mais aprofundado a respeito da ontologia animal e da riqueza das possibilidades de experiência subjetiva de que os animais são capazes pode auxiliar em uma defesa mais categórica de seus direitos. Concluiu-se então que a fenomenologia, embora por si só não possa oferecer uma teoria ética consistente para tratar da questão animal, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da ética animal.

Introdução

Nesta pesquisa, teve-se como objetivo realizar uma revisão bibliográfica do material disponível sobre a fenomenologia animal em sua interface com a ética animal. Assim, foram buscados materiais que discutissem, em primeiro lugar, como os autores dessa corrente filosófica compreendem a ontologia animal, ou seja, como o animal é compreendido em termos de sua experiência subjetiva para a fenomenologia. Em seguida, procurou-se avaliar a utilidade que a compreensão fenomenológica dos animais pode ter para o campo da ética animal.

Materiais e métodos

Foram usadas ferramentas de busca de conteúdo científico na internet como o google acadêmico, assim como o indexador de periódicos científicos SciELO e o portal de periódicos da Capes. Nestas plataformas, foram usadas palavras-chave como ética animal, fenomenologia, fenomenologia animal, ontologia animal, assim como suas correspondentes em inglês: animal ethics, phenomenology, animal phenomenology, animal ontology e animal studies. Em seguida, foi realizada uma seleção do material de acordo com a pertinência para com os objetivos da pesquisa. Ao fim, formou-se uma lista de textos, como artigos, teses, dissertações etc. Em seguida, este material recebeu uma análise de conteúdo por fichamento, ou seja, uma leitura acompanhada de uma organização escrita do conteúdo da obra consultada. Essa organização lógica das obras selecionadas então teve a função de embasar uma redação síntese do material estudado.

Resultados e Discussão

Ao fim do processo de busca de fontes, chegou-se a um total de setenta e oito trabalhos, sendo quarenta e dois artigos científicos, um ensaio, vinte e cinco capítulos de livro, sete livros completos, duas teses de doutorado e uma dissertação de mestrado. Estes foram selecionados com base apenas no título do trabalho, sendo que a seleção seguinte, que é realizada pela leitura de resumos, apresentações, etc., resultou em trinta trabalhos, sendo dezenove artigos, um ensaio, quatro capítulos de livro, quatro livros completos e uma tese de doutorado.

Pode-se dizer que o tratamento da questão animal por autores da fenomenologia começou com o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) em seu texto *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica* (2011). Para este autor o animal é pobre de mundo, no sentido de que, enquanto a pedra é sem mundo, e o ser humano é configurador de mundo, o animal está em um meio termo, em que ele tem acesso ao mundo, mas de uma forma particular. Contemporaneamente este entendimento dos animais não é mais consenso na fenomenologia, sendo considerado uma decorrência do antropocentrismo (AURENQUE, 2016; MISSAGIA, 2010).

Atualmente a questão animal foi bastante explorada pelo filósofo francês Étienne Bimbenet (1967-), sendo sua principal obra *O animal que eu não sou mais* (2014), em que ele discute o processo da antropogênese, ou seja, busca a identidade humana pela via da diferenciação do animal, ou melhor, pelo processo de desanimalização, portanto o título de sua obra, “o animal que eu não sou mais”. Para Bimbenet o conceito fundamental para a diferenciação humano-animal é a multiplicidade perspectiva humana, que seria uma experiência subjetiva particularmente humana. Embora Bimbenet não seja explicitamente um ativista da causa animal, em *A aporia animal ou*

porque nós somos todos vegetarianos não praticantes (2016), o autor assinala a clivagem realizada na identidade animal, em que para alguns, como no caso dos animais domésticos, se concede virtualmente o mesmo estatuto moral que se concederia a um humano, enquanto que para outros, como no caso dos animais usados na pecuária, o uso para finalidades humanas é amplamente permitido. Esta clivagem da identidade animal existe mesmo que sem qualquer evidência de diferenças de sensibilidade à dor ou experiência subjetiva significativa entre os dois grupos.

Outra autora da fenomenologia que contribuiu significativamente para a questão animal foi a filósofa francesa Florence Burgat (1962-), com obras como *Uma Outra Existência: a condição animal (2012)*, *Liberdade e Inquietude da Vida Animal (2016)*. Nestas obras, Burgat tenta compor um conceito do animal como uma vida biológica não vivida em primeira pessoa, ou seja, busca-se uma definição positiva para o animal, de modo a devolver-lhe uma carne, um mundo, uma rede de relações e experiências subjetivas, por oposição às definições negativas presentes no *status quo* que pensam o animal como um ser que não possui certas características humanas, como a linguagem, a inteligência, a cultura etc. Já em sua obra *A Humanidade Carnívora (2017)*, a autora argumenta que o motivo da manutenção da carne, e por extensão outros itens de origem animal, na alimentação humana não se deve por uma questão nutricional ou econômica, mas sim devido a uma questão metafísica. A autora sugere que não é tanto por uma fixação pelo sabor da carne que a humanidade continua a consumir animais, mas mais pela afirmação ontológica da diferença antropológica, ou seja, trata-se da manutenção da relação assassina com os animais e um marco de dominação.

Por oposição a, por um lado, o utilitarismo preferencial de Peter Singer, autor de *Libertação animal (1990)*, que contém uma compreensão ontológica dos animais como não mais do que corpos em sofrimento, e por outro lado, a deontologia de inspiração kantiana de Tom Regan, autor de *The Case for Animal Rights (1986)*, que defende os indivíduos sujeitos-de-uma-vida arbitrariamente entendidos como os indivíduos de espécie mamífera, mentalmente capazes de um ano ou mais, uma ética animal inspirada na fenomenologia poderia se basear na riqueza da experiência subjetiva dos animais para defender seu estatuto moral. Dessa forma, não caberia questionar apenas sobre o quanto os animais sofrem na diversidade de situações em que são subjugados para o uso humano, mas sim questionar se seria justo privá-los das experiências subjetivas que a pertença a cada espécie particular de fornece para cada animal.

Conclusões

As teorias éticas dominantes no campo da ética animal, a saber, o utilitarismo e a deontologia, deixam implícito uma compreensão ontológica dos animais que limitam significativamente o progresso da ética animal crítica. No contexto das discussões em ética animal, uma compreensão fenomenológica da animalidade, embora por si mesma não seja o suficiente para embasar uma teoria ética, pode ajudar a aprofundar e enriquecer o entendimento sobre a experiência subjetiva dos animais não humanos e, dessa maneira, aprofundar e enriquecer o desenvolvimento da ética animal. Ademais, é possível afirmar que o desenvolvimento de uma ética animal inspirada na fenomenologia pode oferecer uma firme proibição do uso de animais para finalidades humanas e a busca pela garantia de que os animais possam viver imperturbados em seu modo de existir próprio.

Agradecimentos

Agradecimentos ao Cnpq pela concessão da bolsa de pesquisa.

Referências

- AURENQUE, D. **O animal não é coisa: sobre a ambiguidade do animal na analítica existencial do Dasein**. In: Oliveira, J. (Org.). **Filosofia animal: humano, animal, animalidade**. Curitiba: Pucpress, 2016.
- BIMBENET, E. A aporia animal ou porque nós somos todos vegetarianos não praticantes. In: Oliveira, J. (Org.). **Filosofia animal: humano, animal, animalidade**. Curitiba: Pucpress, 2016.
- BIMBENET, E. **O animal que não sou mais**. Curitiba: Editora UFPR, 2014.
- BURGAT, F. **L'humanité carnivore**. Paris: Le Seuil, 2017.
- BURGAT, F. **Liberté et inquiétude de la vie animale**. Paris: Kimé, 2006.
- BURGAT, F. **Une autre existence: la condition animale**. Paris; Albin Michel, 2012.
- MISSAGGIA, J. O. O caráter antropocêntrico do conceito heideggeriano de animalidade: uma crítica a partir de Derrida. **Kínesis**, vol. 2, n. 4, 2010.
- REGAN, T. **The case for animal rights**. Washington, DC: The Humane Society of The United States, 1986.
- SINGER, P. **Animal Liberation**. New York: Avon, 1990.

29º Encontro Anual de Iniciação Científica
9º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



29 a 31 de outubro de 2020